

'Bullying', a agressão silenciosa que cresce nas escolas

Pesquisa mostra que 40,5% dos 5.875 alunos ouvidos se envolveram em casos de humilhações e ofensas aos colegas

Laura Antunes

• X, de 11 anos, começou a perder o interesse, no ano passado, em assistir às aulas na Escola municipal Embaixador João Neves da Fontoura, em Rocha Miranda, e a apresentar uma profunda tristeza, detectada pelos professores. A razão estava dentro da própria sala de aula. X. era constantemente ridicularizada pelos colegas por causa do cabelo crespo. O constrangimento, à primeira vista uma inocente brincadeira de criança, passou a prejudicar o desempenho da menina.

Abrapia promove encontros com alunos e professores

A humilhação sofrida por X. é um caso exemplar de *bullying* — comportamento agressivo apresentado por grupos de alunos contra um ou mais colegas em situação de desigualdade. Esse tipo de situação se tornou alvo de um amplo trabalho realizado por uma equipe da Associação Brasileira de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia), em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, Ibope e Petrobras.

Durante o ano passado, 5.875 alunos, entre 10 e 19 anos, da 5ª a 8ª série, de 11 escolas cariocas (nove municipais e duas particulares), das zonas Sul, Norte e Oeste. O resultado, segundo os responsáveis, impressionou: 40,5% desses alunos admitiram ter estado diretamente envolvidos em



CENA DO FILME 'Bully', que retrata a reação violenta de jovens vítimas de humilhações e maus-tratos

atos de *bullying* — 16,9% como alvos, 10,9% alvos e autores e 12,7% como autores.

A partir do resultado do levantamento — que acabou transformado no livro "Diga não para o *Bullying*", lançado na última quinta-feira — integrantes da Abrapia promoveram encontros com alunos e professores dessas escolas.

— Esse tipo de comportamento ocorre mundialmente. Há casos tão graves que resultam até em suicídio por parte do aluno alvo ou em reação violenta, como já ocorreu nos Estados Unidos, onde alunos

invadiram a escola atirando a esmo, como forma de resposta às humilhações — afirma o pediatra Aramis Neto, coordenador do projeto.

Segundo ele, um dos relatos mais comoventes partiu de uma diretora, que se sentia culpada por não detectar antecipadamente um caso:

— O fato só foi descoberto quando o aluno alvo, de 15 anos, considerado introvertido demais pelos colegas, foi espancado por um grupo dentro do banheiro da escola. As humilhações até então não tinham sido percebidas pelos

professores, já que na maioria das vezes, o aluno alvo não busca ajuda, preferindo o silêncio — continua Aramis.

Esses atos ocorrem geralmente quando não há adultos presentes. Na escola Thomas Mann, no Cachambi foi identificado o caso de uma aluna, de 13 anos, que sofria a humilhação de ser chamada de feia e recebia apelidos constrangedores. As palestras realizadas pela equipe da Abrapia na escola serviram para procurar saídas para o problema: foi designado um grupo de alunos para identificar esses tipos de casos.

Reprodução

► Como identificar

• O site www.bullying.com.br informa como identificar os casos:

• **O QUE É:** Colocar apelidos, ofender, humilhar, discriminar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, agredir, roubar e quebrar pertences

• **ESCOLA:** o aluno demonstra falta de vontade de ir à escola; sente-se mal perto da hora de sair de casa; pede para trocar de escola; revela medo de ir ou voltar da escola; pede sempre para ser levado à escola; muda frequentemente o trajeto entre a casa e a escola; apresenta baixo rendimento escolar e volta da escola, repetidamente, com roupas ou livros rasgados.

• **COMPORTAMENTO:** o aluno chega em casa com machucados inexplicáveis; torna-se fechado, arredio; apresenta comportamento angustiado, ansioso, deprimi-

do; apresenta baixa auto-estima e tem pesadelos frequentes, chegando a gritar "socorro" ou "me deixa" e tenta ou comete suicídio.

• **DINHEIRO:** o estudante "perde", constantemente, os pertences e dinheiro; pede sempre mais dinheiro ou começa a tirar dinheiro da família e evita falar sobre o que está acontecendo, ou dar desculpas pouco convincentes para tudo.

• COMO AGIR:

• Tentar conversar com o aluno sobre o assunto e, caso ele confirme sua suspeita, procure o professor e/ou a direção da escola.

• Não exigir dele o que ele não se sinta capaz de realizar.

• Não o culpe pelo que está acontecendo.

• Elogie sua atitude de relatar o que o está atormentando.

— A aluna apresentava uma infelicidade muito grande. Os professores e orientadores, então, tiveram conversas com os alunos autores do *bullying* para que entendessem o quando faziam uma colega sofrer e se gostariam de estar no lugar dela. Esse tipo de conversa serviu para melhorar em muito o relacionamento deles com a jovem — explica uma professora da escola, que já desenvolvia um projeto de valorização da auto-estima entre os alunos.

O motivo de *bullying* é variado: um comportamento introversivo, obesidade, um nome

curioso, orelhas de abano, cabelos crespos, a cor da pele... De acordo com Aramis, dos alunos que revelaram no questionário terem sido vítimas de perseguição, 24% revelaram ter conseguido minimizar o problema conversando com os próprios colegas, 11% com professores e orientadores e apenas 8% levando o problema à própria família.

Os dois mil exemplares do livro da Abrapia será distribuído nas escolas. Quem estiver interessado em conseguir um exemplar deve entrar em contato pelo e-mail bullying@globo.com. ■